

MINKA KENT

AS FILHAS  
DO SILÊNCIO

Tradução de  
Rui Azeredo

alma  
dos  
livros

*Para os meus queridos. E para o meu querido.*

# 1

## WREN

**S**essenta e três dias – foi há quanto tempo partiu a mamã. Arrasto o pau de giz pelo quadro, traçando um X irregular sobre o dia 21 de novembro no nosso calendário.

A Evie vai fazer nove anos na próxima quinta-feira – onde quer que esteja.

Imagino o seu sorriso de esguelha e os caracóis louros e os joelhos salientes, e sorrio para mim mesma, mas apenas por um segundo.

É preciso muita força para sorrir quando os nossos dedos são pingentes de gelo e o estômago nos morde as entranhas e as pálpebras pesam tanto, que se torna impossível ver bem.

Ultimamente, a Sage tem brincado com a boneca que costurei para o aniversário da Evie, embora aos dezoito anos já seja demasiado velha para essas coisas. Acho que a reconforta ter algo para segurar e embalar como a mamã a segurava e embalava.

Eu não preciso desse conforto.

Só preciso de sobreviver.

A cada noite que passa, a cabana torna-se mais fria, e temos acordado à vez para alimentar o fogo. Na noite passada, a Sage esqueceu-se e acordei a tremer com tal intensidade, que mal

consegui sair da cama, e quando, por fim, encontrei os fósforos na escuridão, a minha respiração transformara-se em nuvens.

Nunca sentira um frio assim, que se infiltrava de tal forma nos meus ossos, que achei que se iam partir.

O vento desta noite uiva e a Sage prepara ovos para o pequeno-almoço sobre um fogo crepitante, com aquela boneca desconjuntada pousada na cadeira com os seus inexpressivos olhos feitos de botões, à espera.

Nós estamos sempre... à espera.

Entretanto, os mantimentos estão a esgotar-se e estamos a semanas do que prevejo que venha a ser um inverno rigoroso. Este ano, os patos e os gansos migraram para sul mais cedo do que é habitual e as aranhas entram em bandos, tecendo teias enormes, o que a mamã sempre disse ser um sinal.

Perdemos cinco das nossas oito galinhas no mês passado e não sabemos como nem porquê. Se a mamã aqui estivesse, saberia. Todas as manhãs, quando vamos espreitar a capoeira, temo deparar com mais uma tombada de lado, sem vida, a ser bicada pelas outras. Nem quero pensar no que aconteceria se perdêssemos as três que restam.

Penso se estarão doentes como a Evie.

E questiono-me se ela ainda estará doente...

Assumo que sim, pois nunca mais tivemos notícias da mamã depois de terem partido a meio da noite para irem procurar ajuda para a Evie, que ardia com febre e sentia dificuldade em respirar, com o peito a chocalhar como seixos numa lata. Está gravada na minha memória a expressão da mamã ao envolver a nossa irmã mais nova em cobertores de lã e ao preparar um pequeno saco. Juro que ainda a vejo com toda a nitidez sempre que fecho os olhos.

A mamã nunca entrava em pânico, mas entrou em pânico naquela noite.

As suas últimas palavras foram: «Meninas, não abram a porta a *ninguém*. Perceberam?»

Os lábios da mamã estavam finos e tensos ao falar, e o olhar vacilou quando pegou na minha irmã, enfraquecida, ao colo. Pouco depois, saíram porta fora, a pé, desaparecendo na Floresta de Stillwater, que cerca a nossa propriedade. Com o coração a bater intensamente, vi o vestido claro da mamã tornar-se escuro ao longe, e depois deixei de as ver. Só então tranquei a porta.

Já deveriam ter regressado.

## NICOLETTE

**N**ecessito com urgência de um penso rápido para fins matrimoniais.

Só que os pensos rápidos não se aplicam a cortes profundos.

São indicados para pequenos cortes ou arranhões, unhas encravadas e cortes por papel – coisas que saram rapidamente, até desaparecerem por completo. O nosso casamento é um golpe profundo e irregular, com todas as partes boas – as partes de que necessitamos para sobreviver e as partes que nos tornam quem somos juntos – a brotar do ferimento e sem torniquete à vista.

Não sei como estancar a hemorragia.

Só sei que tenho de tentar... pois estou a perdê-lo.

– Disseram que podemos agendar a visita domiciliar assim que quisermos.

Estou diante do fogão, a refogar alho e couve numa frigideira *Le Creuset* enquanto o meu marido espreita sobre o seu computador portátil para a mesa da cozinha.

– Em menos de nada, vamos ter licença para sermos família de acolhimento no estado de Nova Iorque.

O Brant empurra os óculos de armação metálica pelo seu nariz reto num movimento ascendente e eu aguardo por um sorriso

ou algum tipo de confirmação de que a novidade lhe agrada, mas tal não chega a acontecer.

– Disseram que pode levar um ano a atribuírem-nos uma criança depois de sermos aprovados – acrescento, ignorando a culpa que chega em vagas sempre que sinto a escassez de entusiasmo do meu marido. – Mas às vezes é imediato. Nunca se sabe.

Devolve a atenção ao ecrã, onde está mergulhado na edição de fotografias para uma exposição que se avizinha. O Museu de Arte Contemporânea Bellhaus, em Manhattan, decidiu exhibir o trabalho dele nos próximos quatro meses. Apesar de ser o sonho de uma vida ver o seu trabalho honrado e reconhecido por uma instituição de renome internacional, tem andado bastante irritadiço desde que recebeu a notícia.

Com uma colher de pau, passo a couve amolecida e os pedaços de alho acastanhados para uma travessa e limpo as mãos ao avental antes de spreitar o frango assado.

– Já imaginaste crianças a correr por aqui de um lado para o outro? – pergunto, rindo levemente.

Eu consigo imaginar.

Já imaginei milhares de vezes. Talvez mais.

É o que acontece quando conhecemos o homem dos nossos sonhos aos vinte e dois anos, casamos com ele, adiamos a formação de uma família para podermos viajar pelo mundo ao lado dele enquanto fotografa as coisas mais belas que o Planeta tem para oferecer e, depois, damos por nós a perder a consciência estendidas numa mesa de operações para fazermos uma histerectomia de emergência aos vinte e cinco anos.

– Não preciso de mais ninguém além de ti, Nic. Nunca precisei, nunca hei de precisar – dissera-me o Brant enquanto me levavam numa maca de volta para o quarto nessa manhã.

Deu-me a mão e encostou os lábios aos meus dedos, com os olhos pousados sobre os meus, até eu sentir o corpo acalentado

e tranquilo. É a única coisa que verdadeiramente recordo desse dia. O resto está desfocado e turvo, apagado por anos a tentar esquecer que me foi arrancado, sem aviso e sem escolha, um pedaço da minha divina feminilidade.

E, afinal, ser impedida de dar à luz em nada ameniza os instintos maternos. Talvez até os torne menos passíveis de ser reprimidos, embora o sonho esteja ainda mais fora do alcance, colocado na prateleira de cima sem um escadote à vista.

E por falar em sonhos, na noite passada tive mais um daqueles sonhos com bebés – aqueles em que empurro um carrinho de bebé num parque num belo dia de outono, só que, quando olho para baixo, percebo que se encontra vazio.

Está sempre vazio.

E é sempre nessa altura que desperto com suores frios e um enorme vazio no peito, até perceber que não era real.

Não há bebé. Nunca houve.

O meu subconsciente é uma cabra cruel e covarde que só se manifesta quando me sinto incapaz de lhe dar luta, de a rebater.

Eu percebo.

Estou vazia.

Quero algo que não posso ter.

– Já editaste essas fotos umas cem vezes – comento, retirando o frango do nosso forno topo de gama na nossa cozinha topo de gama, que, por acaso, foi uma prenda de Natal que oferecemos a nós próprios há dois anos. Não tendo filhos, são essas as coisas que nos entusiasma. Mas o que eu não teria dado para, nem que fosse uma vez, poder limpar marcas de mãos pegajosas do aço inoxidável.

O Brant ignora o meu comentário.

Eu ignoro a pontada de vir em segundo lugar, atrás do seu trabalho.

Sempre foi assim, uns anos melhores, outros piores, mas nunca foi tão mau como nestes últimos anos. Por vezes, dou

por mim a sentir ciúmes irracionais do trabalho dele, como se fosse uma amante que lhe desse tudo o que ele quisesse, o que me faz sentir desadequada e insegura, e nunca fui esse tipo de pessoa.

Ele diz que tem de ir atrás da sua musa.

Às vezes, essa musa sou eu.

Outra vezes, não.

Sinto saudades de o ter disponível para mim, da sua presença. Sinto saudades do seu riso. Da sua doçura. Da sua adoração. De todas as partes boas, as partes que eu amava sem reservas, sem dúvidas.

Sinto saudades de *nós*.

Empratando a comida dele, levo o jantar para a mesa e sento-me ao seu lado. Com uma relutância nada disfarçada, fecha o portátil e afasta-o.

– Peço imensa desculpa, Nic.

A mão dele alcança a minha e os nossos olhares cruzam-se conforme ele exala.

– A exposição no Bellhaus é uma das melhores coisas que já me aconteceram na vida e está a transformar-me num imbecil egoísta.

Leva a parte de cima da minha mão aos lábios e entreolhamo-nos.

Deleito-me com o seu inesperado momento de clareza, que envolve o meu ego ferido num manto acolhedor. Ele percebe. Pela primeira vez em anos, finalmente percebe.

– Nem imagino a pressão a que estás sujeito – digo, sempre a companheira compreensiva. É uma parte de mim que não consigo conter. – Diz-me só em que posso ajudar, pode ser?

Suponho que, ao longo dos anos, criei o meu próprio monstro, sempre compreensiva e a apoiar sem hesitar, mas é isso que se faz quando se ama alguém, quando se prometeu dedicar toda a vida a essa pessoa, haja o que houver.

A felicidade dele é a minha e vice-versa.

Ou, pelo menos, costumava ser vice-versa.

O Brant larga-me e retira um garfo de uma das dobras do seu guardanapo de pano.

– Então, isso de sermos família de acolhimento...

Sinto o estômago às voltas. O Brant nunca foi homem de ansiar por filhos. Mesmo de início, assumia uma certa postura de indiferença quando eu abordava o assunto, sempre a deixar implícito que a decisão seria minha.

Depois da histerectomia, equacionámos a adoção, mas disseram-nos que poderíamos demorar mais de dez anos a arranjar uma criança saudável, pelo que pusemos a ideia de parte, convencendo-nos de que nos bastávamos um ao outro e justificando-o de todas as maneiras possíveis.

– Talvez seja um sinal – dissera o Brant a dada altura. – Nem todos estão destinados a ser pais.

O Brant lidou com a nossa decisão enterrando-se no trabalho, aceitando mais encomendas internacionais e aproveitando todas as oportunidades de viajar comigo a reboque. Ver o mundo e escapar ao meu mundo desviou a minha mente do vazio físico deixado pela nossa decisão, mas isso foi apenas temporário.

Por fim, o vazio multiplicou-se e parece sempre piorar à medida que o tempo arrefece. Talvez sejam as árvores despidas do bosque à porta da nossa casa a despertar isso em mim. Parecem vazias e mortas nesta época do ano – como o meu útero inexistente.

Tento não pensar no facto de que já poderíamos ter connosco um bebé se tivéssemos aguentado e permanecido na lista de espera.

Só que o medo faz isso a uma pessoa. Leva-a a questionar o que quer e o que acha que quer.

– Detesto não saber o que esperar, quando é que a nossa candidatura vai ser aprovada, e isso tudo – comento –, mas até é emocionante, não? Como uma pequena aventura.

– Estás a idealizar a situação – diz ele, tal como já disse uma dúzia de vezes, num tom gentil, mas firme. – Preocupa-me que te apegues e algo aconteça.

– A mim preocupa-me que haja por aí uma criança que precise de nós – digo. – É uma preocupação que suplanta a tua.

Pisco o olho, para aliviar a atmosfera.

O Brant sorri com os lábios fechados enquanto mastiga, mas os seus olhos enrugam-se nos cantos e estreitam-se à medida que ele se perde em pensamentos. Tendo passado a maior parte da minha vida adulta com este homem, quase adivinho o que lhe vai na cabeça.

*Vais ficar bem sozinha em casa com a criança enquanto viajo?*

*Não vais sentir falta de conhecer o mundo ao meu lado?*

*Tens a perfeita noção de tudo aquilo de que estás a abdicar para fazer isto?*

*E se não conseguirmos criar laços com a criança?*

*E se a criança tiver problemas com os quais não saibamos lidar?*

Se me fizesse todas estas perguntas, como fez no passado, dar-lhe-ia a mesma resposta de sempre: ele que deixasse as preocupações comigo.

Não há um único cenário a que não tenha dedicado horas de intensa reflexão sempre que sou acossada por uma noite de insónias – o que, ultimamente, tem sido muito frequente, desde que o Brant se enfia no estúdio até altas horas da madrugada a terminar o seu último projeto, encomendado pela *Vanity Fair*.

O meu marido devolve a atenção ao jantar, mergulhando uma vez mais na introversão da sua concha, e penso na coisa em que não tenho pensado desde que deparei com ela na sua gaveta das meias.

Precisamos de um torniquete, e já, pois estou a perdê-lo.